

LÍNGUA DE SINAIS KAAPOR: HISTÓRIA E IDENTIDADE

KAAPOR SIGN LANGUAGE: HISTORY AND IDENTITY

Keila Ferreira Cardoso **1**

Resumo: No extremo norte do Maranhão, na aldeia indígena Kaapor, alguns indígenas utilizam de uma língua de sinais própria, sem influência da LIBRAS e desconhecida por quase todos. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo investigar a história da língua de sinais Kaapor entre os indígenas bem como conhecer sua identidade. Como metodologia utilizou-se a pesquisa bibliográfica através de livros, dissertações, sites na internet e artigos científicos. Respalado na metodologia observou-se que um dos fatores da existência da língua é a transmissão geracional. Descobriu-se que em virtude da diminuição de nascimentos de indígenas com deficiência auditiva a transmissão da língua pode chegar ao fim, ocorrendo assim, a extinção da língua de sinais a qual é carregada de séculos de história e cultura.

Palavras-chave: Aldeia. Indígena. Kaapor. Língua de Sinais. Identidade. História.

Abstract: In the extreme north of Maranhão, in the Kaapor indigenous village, some indigenous people use their own sign language, without the influence of LIBRAS and unknown to almost everyone. Therefore, this article aims to investigate the history of Kaapor sign language among indigenous peoples as well as to know their identity. As a methodology, bibliographical research was used through books, dissertations, internet sites and scientific articles. Supported by the methodology, it was observed that one of the factors of the existence of the language is the generational transmission. It was discovered that due to the decrease in births of indigenous people with hearing impairment, language transmission may come to an end, thus causing the extinction of sign language, which is loaded with centuries of history and culture.

Keywords: Village. Indigenous. Kaapor. Sign Language. Identity. History.

1 Pós-graduada em pedagogia pela Faculdade Itop. Pós-graduada em Libras pela faculdade Fael. Professora de ensino médio. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7261785492856240>. E-mail: keila.cardos@gmail.com

Introdução

“A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdermos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta.”

As palavras de Eva Engholm (1965), são bastante apropriadas, pois ao afirmar que a língua faz parte do coração de um povo, pode-se incluir também a cultura e, de forma mais profunda, a sua identidade.

Há aproximadamente 300 anos na região entre o Rios Tocantins e Xingú surgiram os indígenas Kaapores ou Urubú Kaapor como também são conhecidos. Em suas aldeias sempre houve elevada taxa de surdez, para cada 75 indígenas ouvintes, há um surdo. Com o passar do tempo, foram desenvolvendo uma língua de sinais própria, a Língua de Sinais Kaapor.

Essa pesquisa é de extrema importância social, acadêmica e histórica, uma vez que pouco se sabe sobre os indígenas Kaapores, principalmente sobre sua língua de sinais que, por ser própria e sem influência externa, pode ser um objeto de pesquisa bastante enriquecedor para o meio acadêmico.

Metodologia

O presente trabalho visou pesquisar sobre a Língua de Sinais Kaapor (os povos da mata, como são conhecidos), e a importância de sua cultura e identidade de forma a refletir sobre a importância de manter viva a memória e identidade contidos na língua de sinais. A pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (1999), abrange a leitura, análise e interpretação de livros, foi ancorada em leituras de livros de diversos autores onde muitos destes tiveram um contato bem próximo com os povos Kaapores, como por exemplo, os antropólogos Willian Balée e Darcy Ribeiro.

Os indígenas Kaapores

Atualmente os indígenas Kaapores estão localizados na área indígena Alto Tucuruí, no norte do Maranhão. Ao norte tem o Rio Gurupi, ao sul o Rio Turiaçu, a oeste o Igarapé do Milho, a leste a rodovia BR 316. A região de floresta amazônica, ocupada por todos os remanescentes Kaapores, foi demarcada pela FUNAI em 1978. A demarcação foi homologada pelo Decreto nº 88.002 em 1982.

Willian Balée, antropólogo norte-americano, pesquisador, onde através de pesquisas com os povos da mata, como ele mesmo gostava de mencionar, em seu livro Culturas de distúrbio e diversidade em substratos amazônicos (1998), pude fazer uma leitura enriquecedora sobre o assunto em questão, onde o autor diz, entre tantas outras informações que, em 1998 a população dos indígenas Kaapores estava entre 600 e 1000 habitantes e que a expectativa média de vida desses povos é de 60 anos (BALÉE, 1998). A língua falada é a kaapor, do tronco linguístico Tupi-Guarani, não falada por nenhuma outra tribo ou povo e também a língua de sinais kaapor, a qual é o tema desta pesquisa.

Um pouco da história e luta dos indígenas Kaapores

Por volta de 1850, devido a luta e resistência contra a dominação europeia, os povos Kaapores migraram para o noroeste do Maranhão. Até por volta de 1930 eram considerados uma das tribos mais hostis do Brasil, não aceitando a presença do homem branco. Em 1911 houve a primeira tentativa de pacificação porém sem sucesso devido a hostilidade da tribo. Somente em 1928 essa aproximação foi possível.

Os povos indígenas Kaapores possuem um vasto histórico de violência e extermínio contra seu povo. A luta e resistência contra fazendeiros, posseiros e madeireiros duram décadas. São violações de direitos, tentativas de legalizar e institucionalizar a grilagem de terras indígenas, ameaças, estupro e assassinatos. Por volta de 1850, devido conflitos com colonizadores luso-brasileiros, tiveram que migrar do Pará para o noroeste do Maranhão. Em 1900 sofreram outro ataque e muitos Kaapores foram aniquilados e outros, devido a fuga, conseguiram sobreviver. Em 1928 houve um processo de pacificação quando os membros da aldeia confraternizaram com os servidores do Posto de Atração da Ilha de Cananindéua-assu entre os estados do Pará e Maranhão (BALLÉ, 1998).

Atualmente os Kaapores são alvos do ataque de donos de madeira e devido o descaso e negligência do Estado brasileiro, alguns indígenas tem feito justiça por conta própria. Sobre isso BALÉE (1998), afirma que:

Cerca de 1.300 posseiros, madeireiros e fazendeiros invadiram e estão desmatando a Terra Indígena Turiaçú, homologada desde 1989. Mais ou menos um terço das terras Ka'apor, principalmente ao longo de seu limite oeste entre a área do Igarapé Jararaca, vem sendo desmatada e ocupada por sem-terras insuflados por grileiros e políticos locais. A situação atual da região é marcada por tensão e escalada de violência. Ataques de posseiros e de madeireiros às aldeias indígenas, assim como contra-ataques dos índios aos acampamentos de posseiros e madeireiros dentro de suas terras, tem ocorrido desde 1993 com pelo menos duas vítimas fatais do lado karaí (BALÉE, 1998, s.p.).

Em 2015 devido o assassinato da liderança indígena Eusébio Kaapor, os conflitos se intensificaram. Eusébio não aceitava a presença de madeireiros em terras indígenas. Nos dias atuais, Madeireiros pegos em flagrantes tem seus caminhões incendiados e os indígenas envolvidos são assassinados.

As terras dos povos indígenas estão asseguradas por lei. Os artigos 18 e 19 da lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973, asseguram que:

Art. 18. As terras indígenas não poderão ser objeto de arrendamento ou de qualquer ato ou negócio jurídico que restrinja o pleno exercício da posse direta pela comunidade indígena ou pelos silvícolas. § 1º Nessas áreas, é vedada a qualquer pessoa estranha aos grupos tribais ou comunidades indígenas a prática da caça, pesca ou coleta de frutos, assim como de atividade agropecuária ou extrativa. § 2º (Vetado).

Art. 19. As terras indígenas, por iniciativa e por orientação do órgão federal de assistência ao índio, serão administrativamente demarcadas, de acordo com o processo estabelecido em decreto do Poder Executivo. § 1º A demarcação promovida nos termos deste artigo, homologada pelo presidente da república, será registrada em livro próprio do Serviço do Patrimônio da União (SPU) e do registro imobiliário da comarca das situação das terras. § 2º Contra a demarcação processada nos termos deste artigo não caberá a concessão de interdito possessório, facultado aos interessados contra ela recorrer à ação petítória ou à demarcatória (BRASIL, 1973, s.p.).

Diante da omissão do governo brasileiro no que se refere à situação dos povos indígenas Kaapor, organizações Internacionais tem sido a voz desses povos. O Greepeace, por exemplo, tem prestado auxílio com rastreadores via satélite e mapeamento fotográfico.

No ano 1900, quando tiveram suas aldeias invadidas, os Karaí, como é chamado pelo homem branco, ficaram impressionados ao encontrarem cocares de penas coloridas dentro de baús de cedro que os restantes dos sobreviventes deixaram para trás durante a fuga para não serem mortos. Usando penas de diversos pássaros, a arte de penas e plumas dos Kaapores se destacam

pela beleza.

O antropólogo Darcy Ribeiro, em seu livro *Arte Plumária*, cujo conteúdo foi de extrema relevância para essa pesquisa, informa detalhes fascinantes da cultura dos povos Kaapores quando esteve na aldeia entre os anos de 1949 e 1951.

É na plumaria que encontramos a atividade mais eminentemente artística dos nossos índios, aquela em que revelam os mais elaborados impulsos estéticos e mais vigorosas características de criação própria e singular. E é natural que assim seja, porque a plumagem dos pássaros com sua variedade de formas e riqueza de colorido, constitui o material mais precioso e mais acabado, por assim dizer, que a natureza oferece aos índios para exprimirem-se artisticamente. O seu maior interesse estético, por outro lado, estava voltado para o embelezamento do próprio corpo. Da combinação daqueles recursos e destas tendências, resultaria a elaboração de uma técnica requintada que, associando penas e plumas a diversos outros materiais, permitiria criar obra de arte capazes de competir em beleza com os mesmos pássaros (RIBEIRO, 1957, p.8).

As mulheres fazem cocares, brincos, adornos labiais, colares com penas. Esses adereços são usados nas cerimônias que acontecem na aldeia, quando também fazem pintura em seus corpos utilizando o urucum.

As mulheres pouco ficam a dever em elegância. Embora não lhes seja dado usar o vistoso diadema, ostentam a testeira, os ornatos faciais, os brincos, pentes presos à franja que deixam cair fios de plumas emoldurando o rosto, às vezes um outro pente preso atrás na cabeleira, o belo colar que tanto realça sobre o colo pintado de urucu [...] (RIBEIRO, Darcy, 1957, p. 20).

As cerimônias na aldeia são marcadas com muitos pendentes coloridos, penas e plumas de várias cores, formas e tamanhos, conforme a grande habilidade que os Kaapores possuem para trabalhar na arte com plumas (tradição possivelmente herdada dos antigos tupinambás).

Deste modo, a lei nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973, artigo 6º declara que:

Art. 6º Serão respeitados os usos, costumes e tradições das comunidades indígenas e seus efeitos, nas relações de família, na ordem de sucessão, no regime de propriedade e nos atos ou negócios realizados entre os índios, salvo se optarem pela aplicação do direito comum. Parágrafo único. Aplicam-se as normas de direito comum às relações entre índios não integrados e pessoas estranhas à comunidade indígena, excetuados o que forem menos favoráveis a eles e ressalvado o disposto nessa lei.

Língua de sinais Kaapor

As línguas de sinais possuem vocabulário e gramática próprios portanto não seguem a ordem e a estrutura das línguas orais. É a língua materna dos surdos, língua natural que está vinculada a um canal que não é o oral auditivo e sim gestual-visual onde o surdo passa a ter uma percepção mais fácil e coerente contribuindo para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social do surdo.

A língua transforma a experiência. [...]. Por meio da língua [...] podemos iniciar a criança numa esfera puramente simbólica

de passado e futuro, de lugares remotos, de relações ideais, de eventos hipotéticos, de literatura imaginativa, de entidades imaginárias [...] Ao mesmo tempo, o aprendizado da língua transforma o indivíduo de tal modo que ele é capaz de fazer coisas novas para si mesmo ou coisas antigas de maneiras novas (CHURCH, 1961, s.p.).

No livro *Língua Brasileira de Sinais*, cuja leitura foi significativa para nortear esse trabalho, Lina Brito (1998), afirma que as línguas de sinais são tidas como línguas naturais, que surgiram da convivência e interação entre pessoas surdas. A autora afirma que:

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p.19).

Entre os povos Kaapores existe uma língua de sinais que difere da Língua Brasileira de Sinais. Devido a elevada taxa de surdos em sua população, surgiu a Língua de Sinais Kaapor Brasileira. Na aldeia Kaapor, a comunidade aprende a língua de sinais para incluir o surdo e não o contrário.

O decreto 7. 387, de 9 de dezembro de 2010 que institui em seu artigo 1º

Art. 1º Fica instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, sob gestão do Ministério da Cultura, como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Parágrafo único: O Inventário Nacional da Diversidade Linguística será dotado de sistema informatizado de documentação e informação gerenciado, mantido e atualizado pelo Ministério da Cultura, de acordo com as regras por ele disciplinadas.

BALÉÉ (1998) afirma que os Kaapores são diferentes na Amazônia por ter uma língua padrão de sinais e graças a essa língua de sinais os surdos podem interagir uns com os outros e até mesmo com os de outras aldeias. A língua visual motora surgiu naturalmente e espontaneamente através da necessidade de comunicação.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual – espacial e não oral auditivo. Assim, articulam – se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidente nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais – auditivas quando constituem suas estruturas através de sequências sonoras que basicamente se transmite temporalmente (BRITO, 1997, s.p.).

Língua e identidade

Pode-se dizer que a língua de sinais Kaapor surgiu partindo da interação entre indígenas com surdez. Porém trata-se de convivência de décadas e até mesmo de séculos. Por isso que pode-se dizer que a língua dos povos Kaapores é carregada de história e identidade e nela está cravada a identidade de um povo, que, conforme afirma Wilson Miranda em seu artigo Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais (2001, p. 56):

Considerando que a cultura surda mostra uma nostalgia curiosa em relação a uma “comunidade imaginária” e que é barbaramente ou profundamente transformada, senão destruída no contato com a cultura hegemônica, ela age como reguladora da formação da identidade surda, que se reaviva novamente no encontro surdo-surdo. Este encontro é um elemento chave para o modo de produção cultural ou de identidade, pois implica num impacto na “vida interior”, e lembra da centralidade da cultura na construção da subjetividade do sujeito surdo e na construção da identidade como pessoa e como agente pessoal.

“Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais, porque o cérebro deles se adapta para esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes” (SACKS,1989). A língua de sinais ou língua gestual é uma língua visual. Considerada pela linguística como língua natural, atende aos critérios linguísticos como qualquer outra língua, mesmo as palavras sendo sinais articulados com as mãos. Não são gestos. Os sinais são símbolos arbitrários e legitimados que conferem à pessoa surda a inclusão e interação no meio social em que ela vive.

A construção da identidade e a valorização da cultura do povo Kaapor é reforçada cada vez que um indígena mais velho ensina a língua de sinais para outro mais novo. SANTOS (2005, p.1), faz uma observação bastante pertinente sobre esse assunto:

Os saberes culturais são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, suas representações e valores serão discutidos no campo da pesquisa da vida oral, mais especificamente no âmbito das histórias de vida.

Segundo o Atlas das línguas do mundo em perigo, da UNESCO, a língua de sinais Kaapor pode ser classificada como uma língua de sinais em risco de extinção. O motivo é a transmissão geracional restrita, ou seja, adultos transmitem a língua a crianças somente no caso de haver crianças surdas. Não havendo crianças surdas, não há transmissão. Quando uma língua deixa de existir ela leva consigo um tesouro histórico de valores, memórias, culturas e a identidade de um povo. São verdadeiros legados culturais.

Angel Humberto Corbera Mori, pesquisador de línguas indígenas, afirma que:

A língua indígena não é uma riqueza material como ouro ou o diamante, mas, quanto mais diversidade cultural um país possui, mais rico ele é em conhecimento. Os índios mais dominam toda uma diversidade de nomes de pássaros, cobras, plantas que são usadas na medicina tradicional, entre outras informações que seria de grande utilidade para a compreensão e conservação da natureza. A perda desse conhecimento da fauna e da flora é também uma perda científica.

A perda de uma língua é a perda de conhecimento acumulado durante séculos, passados de geração a geração. Preservar a língua de sinais kaapor é valorizar a cultura indígena.

Através dessa pesquisa pôde-se observar características culturais e linguísticas que é peculiar dos povos Kaapores. Faz-se necessário a valorização e reconhecimento dessa língua para que ela não morra.

Considerações Finais

A língua de sinais Kaapor é uma língua carregada de história, muita luta e resistência. Nela está cravada a identidade de um povo, que, conforme afirma Miranda (2001),

Considerando que a cultura surda mostra uma nostalgia curiosa em relação a uma “comunidade imaginária” e que é barbaramente ou profundamente transformada, senão destruída no contato com a cultura hegemônica, ela age como reguladora da formação da identidade surda, que se reaviva novamente no encontro surdo-surdo. Este encontro é um elemento chave para o modo de produção cultural ou de identidade, pois implica num impacto na “vida interior”, e lembra da centralidade da cultura na construção da subjetividade do sujeito surdo e na construção da identidade como pessoa e como agente pessoal (MIRANDA, 2001, s.p.).

Através dessa pesquisa pode-se observar características cultural e linguística que é peculiar dos povos Kaapores. Faz-se necessário a valorização e reconhecimento dessa língua para que ela não morra.

A construção da identidade e a valorização da cultura do povo Kaapor é reforçada cada vez que um indígena mais velho ensina a língua de sinais para outro mais novo. SANTOS (2005), faz uma observação bastante pertinente sobre esse assunto:

Os saberes culturais são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, suas representações e valores serão discutidos no campo da pesquisa da vida oral, mais especificamente no âmbito das histórias de vida (SANTOS, 2005, p.1).

Há uma transmissão e legitimação de uma memória histórica, social e coletiva. Por esse motivo que a língua de sinais Kaapor deve ser, independente de haver ou não nascimento de crianças surdas, transmitida sempre de pai para filho, como uma forma de preservar não somente a língua de sinais, mas também uma cultura.

Referências

BALÉÉ, W. **Culturas de Distúrbio e Diversidade em substratos Amazônicos**. Disponível em: http://www.biochar.org/joomla/imagens/stories/Cap_3_Balee.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

BRITO, L. F. **Língua Brasileira de Sinais-Libras**. Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

CHURCH, Joseph. **Language and the Discovery of reality**. Nova York: Random House, 1961.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MIRANDA, W. **Comunicado dos surdos**: Olhares sobre os contatos culturais. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2001.

MORI, Angel Humberto Corbera. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/pesquisas-podem-ajudar-a-salvar-linguas-indigenas-da-extincao/22904/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Arte Plumária dos Índios Kaapor**. 1957, p.20.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**. Rio de Janeiro: Image, 1990.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. **Saberes Culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade**. Por uma leitura das categorias teóricas da pesquisa. 2005. Disponível em: <http://www.roselisousa.com.br/private/saberesculturaismemorias.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Recebido em 01 de março de 2020.

Aceito em 14 de março de 2023.